

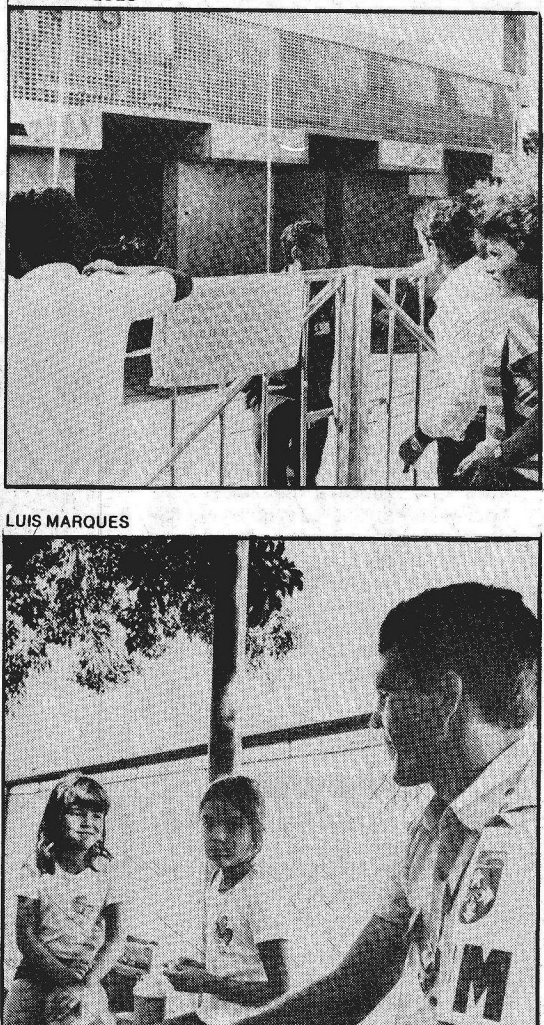
GILBERTO ALVES



LUIS MARQUES



LUIS MARQUES



O resto do sonho destruído foi removido no Congresso. Na UnB, o protesto continuou na parede, enquanto o Ceub continuou sem aulas. Nas escolas, a PM sem violência

Brasília acorda com a ressaca da derrota

A cidade voltou à sua calma, habitual porém orgulhosa de ter gritado no silêncio da emergência

GILBERTO ALVES



As equipes de rádio e televisão retiram os aparelhos do Congresso. No aeroporto, o amargo retorno

GILBERTO ALVES



Derrota pode levar a uma vitória: voto no DF

A derrota da emenda Dante de Oliveira no Congresso Nacional, se por um lado frustrou boa parte dos dirigentes dos partidos políticos em Brasília, por outro lado trouxe-lhes a certeza de que, a partir de agora, as mobilizações tenderão a crescer vertiginosamente também na capital do País, abrindo caminho para a conquista da representação política ao Distrito Federal.

Essa, pelo menos, é a avaliação feita por dirigentes regionais do PMDB, PT e PDT — os três partidos mais organizados no Distrito Federal. Para eles, depois das manifestações ocorridas na cidade durante a votação da emenda Dante de Oliveira, os comícios na Praça do Povo com 500 pessoas ficarão como lembranças de um passado. A partir de agora, acreditam eles, a população participará mais em defesa da conquista de seus direitos, como eleger seus representantes em todos os níveis. E essas manifestações podem acontecer como a sinfonia de buzinas que agitou a cidade.

Para o presidente do PDT de Brasília, Antônio Neiva Moreira, as mobilizações pelas diretas demonstraram que a população resolveu sair de um estado

de inércia política, o que o Palácio do Planalto não pode mais ignorar. Amparado no fato de que Brasília participou efetivamente dessa cruzada cívica pró-diretas, os militantes do PDT já se prepararam para jogar na rua a campanha pela representação política. E o pólo destas mobilizações, segundo Neiva Moreira, deverá ser o projeto apresentado pelo deputado Arildo Telles (PDT-RJ) que dá a Brasília representantes no Senado e na Câmara dos Deputados, além de criar a Assembleia Legislativa, em número proporcional à quantidade de eleitores aqui inscritos.

O presidente do PMDB-DF, Pompeu de Souza, raciocina de forma semelhante. Para ele, "as manifestações populares em Brasília, assumiram um caráter de grande maturidade política e indicaram que o Distrito Federal não pode mais continuar banido da vida nacional".

Arlene Sales, presidente regional do PT, acredita que a rejeição da emenda frustrou e decepcionou toda a sociedade, obrigando os partidos políticos a repensarem várias questões, como a exigência do quórum de dois terços para qualquer altera-

ção constitucional e o próprio Colégio Eleitoral.

A presidente do PT também discorda do conceito de que Brasília é uma cidade fria e sem capacidade de mobilização popular. "As manifestações ocorridas por ocasião da votação da emenda — garante — surpreenderam a todos nós e demonstraram que a população local também participa".

EMERGÊNCIA

Mesmo atuando politicamente na Unidade da Federação que mais sofreu com as medidas de emergências, os dirigentes dos partidos locais não atribuem à sua decretação a culpa pela derrota das diretas-já. Neiva Moreira, por exemplo, acredita que a derrota da emenda Dante está ligada mais às conversas de última hora entre o presidente Figueiredo e os indicados do PDS, do que ao temor dos parlamentares em relação ao general Newton Cruz. Já Arlene Sales, mesmo concordando com a avaliação do presidente do PDT, reconhece que as medidas de emergência impediram a vinda a Brasília de caravanas de todo o País, as quais poderiam influenciar o processo de votação.

O comandante não quis dar entrevista e foi tático à equipe de reportagem: "Não é permitido nenhum civil aqui", dizia.

A saída do Distrito Federal, qualquer veículo era parado na barreira. Alguns chegavam a ser vistoriados, caso fossem suspeitos, segundo os comandantes. Os cães pastores eram utilizados para farejar tóxicos, quando necessário. A rotina estabelecida era a exigência de documentos do carro e do motorista. Os ônibus de empresas eram apenas rapidamente olhados pelos soldados. Não havia mais lista de pessoas.

As escolas secundaristas, como Leonardo da Vinci e Obetiv, que viveram momentos agitados, já voltaram à rotina diária. Nesta última foi registrada uma baixíssima frequência com alguns estudantes protestando, nos intervalos das aulas, contra a derrota da emenda Dante de Oliveira.

A maturidade política de uma cidade

DAVID EMERICH
da Editoria de Cidade

As passeatas dos estudantes secundaristas em Taguatinga, a passeata espontânea ocorrida na Rodoviária, o buzinaço ensurdecedor de terça-feira no Plano-Piloto e a presença de mais de cinco mil pessoas na rampa do Congresso Nacional, se não foram suficientes para conquistar as diretas já, pelo menos sepultaram os argumentos segundo os quais a Capital da República precisaria de muita tranquilidade para o Governo Federal administrar bem. De acordo com este raciocínio, a Representação Política seria uma espécie de cavalo de tróia, através do qual seriam introduzidas em Brasília anárquicas agitações políticas.

Nos últimos anos, o Governo Federal vem percebendo com muita nitidez que mobilizações populares são fatos comuns em qualquer lugar onde existem concentrações humanas — e em Brasília não poderia ser diferente. As greves de alunos universitários já são antigas, passeatas de moradores reivindicando lotes viraram rotina, os comícios sobre questões comunitárias não causam mais surpresas e a rampa do Congresso já virou uma espécie de palanque do brasileiro. Em todas essas mobilizações o Governo Federal pode ter também uma certeza: não existiam candidatos prometendo secar o lago para realizar loteamentos e nem prometendo um assento privativo nos ônibus circulares para os moradores da periferia.

A concentração popular, na quarta-feira, no Congresso Nacional, também desmentiu outro preconceito muito forte existente junto ao Governo: mobilização como sinônimo de bagunça e de quebra-quebra. Milhares de pessoas ouviram o encaminhar da votação da emenda Dante com tranquilidade e chegaram a ajudar a segurança do Congresso para evitar danos a uma importante casa pública da vida nacional. Perto de 200 pessoas fizeram, de braços dados, um verdadeiro cordão de isolamento para proteger os vidros da entrada subterrânea da Casa, evitando que isolados provocadores dessem argumento para a ação repressiva das tropas.

Brasília deu exemplo de maturidade. Agora, só falta o Governo reconhecê-la.

Brasília amanheceu ontem de ressaca política. A derrota por 22 votos da emenda Dante de Oliveira, no Congresso Nacional, sepultou a euforia de uma cidade que, habituada ao silêncio e à calma, foi às ruas buzinando e batendo panelas justamente num período em que as medidas de emergência determinaram que permanecesse calada, quieta, omissa. A maioria das escolas retornou às atividades normais. Os estudantes não precisaram correr da Polícia e a Polícia foi para a porta dos colégios sem a violência dos últimos dias. Mas nas janelas, bandeiras amarelas lembravam o 25 de abril. Nas ruas, entretanto, o amarelo — a cor das diretas — não se via mais. No aeroporto, o retorno desolado dos políticos pró-diretas e a discussão de novas saídas. A cidade, enfim, voltou à normalidade. Porém, orgulhosa de ter podido mostrar o seu repúdio a um silêncio imposto e o seu barulho por uma causa que milhões de brasileiros defenderam em todo o país.

Na Esplanada, sinais do sonho

Muito papel picado, pétalas de flores amarelas pisadas, e confete colorido espalhado pelo gramado em frente ao Congresso Nacional, foi o que ficou, além da tristeza de ver que o sonho acabou.

Para varrer o gramado, o Serviço de Limpeza Urbana enviou 16 homens, que passaram toda a manhã de ontem juntando papéis, poucas latas de cerveja amassadas, e tentando apagar duas palavras escritas com cal sobre o gramado: "Diretas Já". Por volta das 10 horas os funcionários do SLU haviam conseguido apagar a primeira sílaba. Foi fácil. As outras sílabas, contudo, não foi possível apagar, e ficaram até mais tarde sobre a grama, como num gesto de solidariedade aqueles que choravam o fim do sonho.

Solidário, também permaneceu o estudante da 1ª série do 2º grau, um rapaz de 17 anos, que preferiu não se identificar, que desde as primeiras horas da manhã permaneceu sentado à sombra da cúpula do Plenário da Câmara, vestindo uma camiseta amarela. Nas mãos, um exemplar do CORREIO BRAZILIENSE informava sobre as experiências vividas por todos durante a votação da emenda Dante de Oliveira. "Vou ficar aqui o dia todo, em solidariedade à Nação", disse.

A volta, já com nova proposta

As pessoas que deixavam Brasília ontem, depois da rejeição da emenda Dante de Oliveira, viajavam já traçando novas estratégias, para votar para presidente ainda em 84. A proposta do governador paulista Franco Montoro de enertar na emenda Figueiredo, que propõe diretas somente em 88, uma subemenda propondo as eleições para já, é o destaque.

Para o deputado Horácio Ortiz, atualmente secretário dos Transportes no governo Montoro, "foi uma vitória espetacular para o povo brasileiro", porque o povo demonstrou, "pacificamente, sem incidentes, que de agora em diante o governo só fará valer a sua opinião através da força, da violência. E ocorre que o governo não tem condições de manter esta pressão por muito tempo. Agora, o governo terá que assumir as consequências do que plantou, pois o povo já mostrou o caminho".

A cantora Gretchen, que chegou ontem de Maringá a caminho de Araguaína, e os jogadores do Uberlândia, que chegaram ontem do Rio (depois da derrota contra o Vasco da Gama), de passagem para Uberlândia, contaram o que viram.

Em Maringá as pessoas foram para as ruas da cidade conversar sobre as diretas — informou Gretchen. Eu viajo muito pelo interior do País, fazendo shows, e vejo que todo mundo quer as eleições diretas. Quando estive em Aquidauana, o comício de Campo Grande esvaziou o meu show. Toda a cidade embarcou para Campo Grande.

Para Gretchen, o governo "deu mais uma mancada", mas

ao interromper a leitura para conversar com a repórter, e olhar o trabalho dos funcionários do Serviço de Limpeza Urbana.

Segundo o gerente de operações do SLU, Leonardo Latza, não chegaram a ser recolhidos mil quilos de lixo no gramado em frente ao Congresso Nacional. "Papel pesa pouco", lembrou. Os funcionários, entretanto, tiveram dificuldades em deixar o gramado como sempre esteve — limpo e bem cuidado. A grama estava maltratada, e o vento teimava em carregar os papéis para um pouco além do que suas vassouras conseguiam alcançar.

Fim do trabalho, muito papel picado ainda os aguardava espalhado pelo gramado em frente ao prédio anexo da Câmara. Havia até rolos de papel higiênico desenrolados em toda a sua extensão.

Nas janelas, já nos blocos residenciais, continuavam caindo papéis picados que haviam ficado presos nas vidraças, onde permaneciam bandeiras amarelas. Os funcionários do SLU não trabalharam ontem nos setores de Autarquias e Comercial SLU. Nestes locais o serviço foi feito na noite de quarta-feira, enquanto a emenda que restituía as eleições diretas para a presidência da República era votada.

ela espera que as pessoas não fiquem "chateadas a ponto de esmorecer".

O supervisor do Uberlândia, Odilon Lara, que se diz apolítico, mas mostrou grande simpatia pelas diretas, disse que, no estádio de São Januário, na quarta-feira à noite, enquanto a emenda e seu time eram derrotados, viu um público com faixas pedindo para votar ainda este ano para presidente. E quando chegou ao Hotel Plaza, onde o time estava hospedado, em Copacabana, viu a polícia dispersar uma manifestação.

E a repressão também causou má impressão aos prefeitos e vereadores da União Municipalista, que estiveram em Brasília para acompanhar a votação da emenda Dante de Oliveira. "Vamos levar amargas saudades do general Newton Cruz", disse Faria Neto, do interior paulista.

Em rodas onde a rejeição da emenda Dante de Oliveira era o prato do dia, os prefeitos traçavam estratégias para votar para presidente ainda este ano. O prefeito de Angatuba (SP), José Emilio Carlos Lisboa, disse que foi uma decepção muito grande, "mas não há de ser nada", complementou ele, acrescentando que "o trabalho agora se centrará na elaboração de uma subemenda enertando a emenda Leão/Figueiredo".

Acompanhando o prefeito de Angatuba, o prefeito e vereador de Capão Bonito (SP), respectivamente Hélio de Souza e Washington Balsevicus, disseram ser essa uma decisão de consenso na União Municipalista, que congrega 4 mil prefeitos, sendo 500 deles do PDS.

Barreiras, agora, fiscalizam quem sai

Apesar da nota do Comando Militar do Planalto, anunciando que foi suspenso o controle nas estradas de acesso a Brasília, ontem permaneciam as barreiras nas principais rodovias que ligam os Estados ao Distrito Federal, embora bem menos rigorosas.

Formadas por soldados da PMDF, ontem à tarde elas apresentavam uma novidade: os soldados vistoriavam apenas os veículos que saíam de Brasília, ao contrário dos dias que antecederam a votação da emenda Dante de Oliveira, quando os carros eram vistoria-

dos ao entrar no DF. "A operação é estritamente de rotina, voltada hoje (ontem) mais do que nunca à fiscalização de veículos furtados", esclareceu o capitão Anúnciação, da PM, comandando a blitz na estrada que vem de Goiás a Brasília. Mas no posto fiscal da BR-040, que vai até o Rio, os guardas da polícia de Goiás, que operavam antes, encerraram suas atividades às 10h30min de ontem.

Antecedendo o posto da Polícia Rodoviária Federal, em frente ao Posto de Fiscalização, na BR-040, a barreira comandada pelo capitão Edson permanecia até por volta das 15h30min.

Alguns alunos que foram ao Ceub pensando em assistir às aulas não puderam entrar. Os portões estavam fechados e um cartaz informava que, "pelos motivos que determinaram a suspensão temporária das aulas, estas permanecerão sus-

Escolas reabrem e a PM não aparece

As atividades escolares foram reiniciadas ontem, na maioria dos estabelecimentos de Brasília, com os estudantes comparecendo em elevado número às aulas. Não se viam mais as tropas de choque da Polícia Militar que, durante toda a semana, desfilaram diante dos colégios nem a euforia que durante os comícios e as passeatas se estampavam nos rostos dos alunos. O clima era de tranquilidade tanto nas escolas secundaristas como nas univer-

sidades. Apenas no Elefante Branco, onde houve grande pressão na quarta-feira passada, corria a notícia de que haveria manifestação no final do turno. Contudo, a saída dos alunos foi normal.